

**INADIMPLÊNCIA** ▶ Crédito consignado deu oportunidade para as pessoas contratarem empréstimos

# Redução é uma tendência

FRANCISCO CARLOS DE AZEVEDO e RICARDO LEOPOLDO  
SÃO PAULO/SP

O diretor de Política Econômica do Banco Central (BC), Carlos Hamilton Araújo, fez no manhã desta sexta-feira (10) um balanço da economia brasileira e das atuações do BC nos últimos 10 anos. Ele citou, por exemplo, a criação do crédito consignado, modalidade de empréstimo que, avalia, além de ter dado oportunidade a pessoas que nunca poderiam contrair um crédito, contribuiu para a redução da inadimplência, movimento que segue como tendência, para o BC. Quanto ao aumento recente da inadimplência no segmento de crédito às pessoas físicas, em parte, disse Hamilton, se deveu a fatores específicos, devidamente identificados e temporariamente corrigidos pela regulação prudencial. "De qualquer maneira é importante mencionar que em nenhum momento este avanço da inadimplência pôs em risco a estabilidade do sistema, que se encontra bem provisionado e bem capitalizado, portanto, plenamente capaz de acomodar eventuais perdas".

Ainda de acordo com o diretor do BC, o crédito como um todo no Brasil tem de ser colocado em perspectiva. E dessa forma tem ainda espaço para crescer. O crédito habitacional, por exemplo, lembra Hamilton, é inferior a 4% do Produto Interno Bruto (PIB). Hoje, disse o executivo, aproximadamente 122 milhões de pessoas mantêm relacionamento com instituições financeiras no Brasil e de 10 cada adultos, nove são usuários do sistema financeiro.

**Solidez** - Carlos Hamilton disse ainda que 2 recentes relatórios do Fundo Monetário Internacional (FMI) apontaram que a economia brasileira apresenta boas condições, com destaque para a solidez do sistema financeiro nacional. "As instituições (do setor) têm elevado capital e alta liquidez em suas carteiras", comentou. "O FMI também avalia como eficaz a nossa rede de proteção de crédito, em particular o Fundo de Garantia de Crédito".

A supervisão e fiscalização do BC é eficaz, afirma e é avaliada como uma das melhores do mundo, lembra o diretor do BC. "O Brasil cumpre todos os 30 princípios de Basileia". Por isso, continua, as boas condições da economia nacional dão lastro para que as concessões de financiamentos para famílias e empresas mantenham rota de expansão sustentável. "É natural e desejável que o mercado de crédito continue em crescimento", afirmou. "A ampliação do mercado de crédito é consequência e causa do avanço da economia".

Os comentários do diretor do BC ratificam as avaliações do Ministério da Fazenda e do Banco Central sobre a necessidade de o crédito continuar em expansão, de forma sustentável, dado que a inadimplência voltou a recuar, mesmo que levemente. O nível de atividade do país apresenta melhores condições do que as de muitos outros países avançados, sobretudo nos aspectos relacionados ao bom desempenho das contas públicas, com geração constante de superávit primário ao longo dos anos.

O governo está atuando fortemente na campanha de estímulo aos bancos para ampliar a concessão de crédito.

**Inflação está sob controle e converge para o centro da meta de 4,5%**



## ▶ panorama

### Cimento

Vendas de cimento no país totalizaram 5,8 milhões de toneladas em julho, crescimento de 6% em comparação com igual mês do ano passado, de acordo com dados do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (Snic). No acumulado dos 7 primeiros meses do ano, as vendas chegaram a 39,8 milhões de toneladas, volume 8,7% maior que em 2011. Já as exportações de cimento em julho foram de 2 milhões de toneladas, recuo de 63% ante os 5 milhões de julho de 2011.

### Papelão

As vendas de papelão ondulado somaram 274,425 mil toneladas em julho de 2012, segundo dados preliminares divulgados nesta sexta-feira (10) pela Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO). O volume ficou praticamente estável em relação ao registrado em junho (variação de 0,07%) e ante igual intervalo de 2011 (+0,06%). No acumulado do ano, o indicador de vendas do setor apurado pela entidade apresentou alta de 1,53%, para 1.868.571 toneladas.

### Cheques

Boa Vista Services divulgou nesta sexta-feira (10) que a devolução de cheques apresentou em julho a 2ª queda consecutiva na comparação com o mês imediatamente anterior. No último mês, 1,96% dos cheques movimentados foram devolvidos por falta de fundos. Essa proporção era de 1,98% em junho e 2,15% em maio. Apesar do recuo, a proporção de cheques devolvidos sobre movimentados ainda é maior do que a registrada em julho do ano passado, de 1,95%.



De acordo com o BC, o crédito como no Brasil tem de ser colocado em perspectiva, para crescer mais

# Reflexos ainda não serão sentidos

Wladimir D'AMORIM  
SÃO PAULO/SP

Os reflexos no emprego da retomada da atividade industrial esperada para este 2º semestre deve demorar para aparecer e nos próximos 2 ou 3 meses os índices do mercado de trabalho no setor ainda se most-

trário fracos. A atividade industrial, porém, pode ter chegado em julho ao seu menor nível e deve começar a apresentar recuperação nos níveis de produção a partir de agora, ajudando a melhorar a situação do emprego.

Esta é a opinião do analista da LCA Consultores, Gábor Machado

sobre o desempenho do emprego industrial divulgado nesta sexta-feira (10) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que recuou 0,2% na passagem de maio para junho e 1,88% ante junho de 2011. De acordo com o analista, os dados de emprego acompanham os recentes resultados da produção in-

dustrial, que no 1º semestre acumulou queda de 3,8% ante o mesmo período de 2011.

Essa situação, avalia, deve continuar ao longo do ano. "Como nos meses anteriores, o emprego industrial reflete a perda de emprego da atividade industrial brasileira". Machado, no entanto, já vê reflexos em alguns setores da indústria motivados pelas medidas de estímulo à economia tomadas pelo governo federal. "A indústria automotiva já mostra números bem mais robustos", afirma, em referência aos dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) que apontam alta em julho na produção e no emprego de 8,8% e 0,5%, respectivamente, na comparação com junho.

**Produtividade** - Já o economista do Austin Rating Felipe Queiroz chama a atenção para o avanço de 2,5% no valor real de folha de pagamentos dos trabalhadores da indústria em junho ante maio, a primeira alta após 3 meses. De acordo com ele, o dado reflete a escassez de mão de obra especializada verificada em certos setores industriais, como o de petróleo e gás. "O Brasil passa por um momento de menor nível na taxa de desemprego e a demanda no mercado de trabalho por profissionais especializados cresceu bastante por pressão do setor de serviços".

O efeito desse cenário na economia, explica Queiroz, é a perda de competitividade da indústria. "Precisamos de outros fatores para evitar uma indústria pouco produtiva".

## ▶ análise

CLAUDIO FERRO

### CDB pré ou pós-fixado?

Como diz o velho jargão financeiro, a escolha de um investimento deve ser feita sempre com foco no resultado futuro e não no resultado passado. Ou seja, analisar o retorno alcançado nos últimos meses ou anos não significa que a aplicação atingirá a mesma rentabilidade no futuro. A primeira regra para aplicações de renda variável como de renda fixa. Assim, para escolher um investimento, um dos requisitos básicos é avaliar os fundamentos que irão influenciar a rentabilidade durante o período de aplicação. Quando o assunto é renda fixa, o principal fator de influência é a condução da taxa de juros básica da economia. Os títulos públicos e privados, que são utilizados como aplicações de renda fixa, acompanham as taxas definidas pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central. De modo geral, esses títulos são divididos em pré ou pós-fixados. No caso dos pré-fixados, as taxas são definidas previamente. Ou seja, no momento da aplicação, você já sabe exatamente quanto o investimento renderá nos próximos anos.

Já o pós-fixado, como o próprio nome diz, possui a taxa definida posteriormente. Isso significa que a rentabilidade irá seguir a trajetória da taxa de juros básica da economia. Ou seja, se os juros subirem ao longo do período de investimento, a rentabilidade da aplicação também aumentará. Porém, se os juros caírem, o retorno será menor. Normalmente, para acompanhar estas movimentações, no caso dos CDBs - títulos de renda fixa emitidos por instituições financeiras -, a remuneração dos títulos pós-

fixados é definida em percentual do CDI - taxa de juros interbancária.

Assim, apesar de não saber quanto será a taxa do CDI futuro, o investidor sabe o percentual da taxa que receberá. Muitas vezes, de acordo com o prazo do investimento, este percentual aumenta, podendo chegar a 112% do CDI. Mas, como escolher? O primeiro ponto é definir o prazo e o objetivo do investimento. De acordo com os objetivos e os prazos, as recomendações podem ser distintas. Se o objetivo é ter total previsibilidade de rendimento para aquisição de um bem, por exemplo, optar por um investimento pré-fixado pode ser a melhor opção.

Partir destas informações, é preciso avaliar o contexto e as expectativas para a taxa de juros. Via de regra, em cenários de queda da taxa de juros, o mais recomendado são os papéis pré-fixados, que conseguem garantir hoje um retorno maior. Porém, se o cenário for de incerteza, alta de inflação e possibilidade de aumento dos juros, a recomendação é priorizar os investimentos pós-fixados, que acompanham o movimento do mercado, evitando qualquer perda para o investidor.

Hoje, há no mercado títulos privados que oferecem taxas atrativas tanto para os investimentos pré como pós-fixados. No entanto, a escolha da melhor opção dependerá principalmente dos objetivos do investidor, do prazo previsto para este investimento e da perspectiva econômica para o período desejado.

CLAUDIO FERRO É PRESIDENTE DO BANCO FICSA



Nos próximos 2 ou 3 meses os índices do mercado de trabalho se mostrarão baixos neste segmento